



ISSN: 2176-5960

Προμηθεύς

Journal of Philosophy

n. 50, Janeiro-Abril 26



O LITERATO GÓRGIAS DE LEONTINOS: O EPITÁFIO “OCULTO”.

Thatiane Santos Meneses

Universidade Federal de Sergipe

RESUMO: A presente pesquisa tem por objetivo investigar a atuação do sofista Górgias no campo da literatura. Górgias de Leontinos é reconhecido por estudiosos dos sofistas como um dos principais representantes deste movimento filosófico e tal epíteto está relacionado ao seu notório poder persuasivo. Górgias tinha grande respeito pelas palavras e sabia que o sucesso de um discurso estava intimamente ligado à escolha delas. Em *O Epitáfio*, temos um Górgias diferente do que é visto em *O Elogio de Helena* e em *A Defesa de Palamedes*, constatamos um Górgias com uma linguagem mais poética, fato que pode ser notado pela ocorrência de diversas figuras de linguagem. O estilo discursivo gorgiano expandiu as discussões acerca da retórica, tanto no campo da filosofia, como na linguística. No entanto, os estudos a respeito dos discursos gorgianos são ainda incipientes, especialmente aqui o Brasil, daí a relevância do tema.

PALAVRAS-CHAVE: Górgias. Discurso. Figuras de Linguagem. Retórica. Literatura.

The literate Gorgias of Leontinos: the hidden epitaph.

ABSTRACT: This research aims to investigate the role of the sophist Gorgias in the field of literature. Gorgias of Leontinus is recognized by scholars of the sophists as one of the main representatives of this philosophical movement, and this epithet is related to his notorious persuasive power. Gorgias had great respect for words and knew that the success of a speech was closely linked to their choice. In *The Epitaph*, we see a Gorgias different from the one seen in *The Praise of Helen* and *The Defense of Palamedes*; we see a Gorgias with a more poetic language, a fact that can be noted by the occurrence of several figures of speech. Gorgian discursive style expanded discussions about rhetoric, both in the field of philosophy and linguistics. However, studies about Gorgian speeches are still incipient, especially here in Brazil, hence the relevance of the topic.

KEYWORDS: Gorgias. Discourse. Figures of Speech. Rhetoric. Literature.

1. INTRODUÇÃO

Górgias de Leontinos era integrante do movimento sofista, que tinha como principal característica o ensino da arte retórica para os atenienses, especialmente os jovens que demonstravam interesse em seguir uma carreira política, muitos deles inspirados pelo estadista Péricles, que comandou a Grécia nos idos do século V a.C.

Apesar de ser um dos mais célebres representantes do movimento sofista¹, sabe-se muito pouco sobre a vida de Górgias. Há dúvidas até mesmo sobre sua data de nascimento, estimando-se que ele tenha nascido entre os anos 485 e 480 a.C. na cidade de Leontinos. Mas um fato que é consenso entre os pesquisadores é que Górgias, por volta dos anos 427 a.C., teria ido à Atenas como embaixador de Leontinos com a encargo de convencer o governo local a prestar assistência militar ao seu povo na ofensiva contra Siracusa. Tem-se o registro de que esta foi a primeira vez que Górgias chamou a atenção dos atenienses para seus discursos.

Górgias se tornou bastante conhecido em razão de sua técnica de argumentação e persuasão. Como será detalhado com mais afinco nas próximas linhas, o sofista de Leontino considerava primordial o exame do emprego das palavras que iriam ser utilizadas no discurso. Esse cuidado com a escolha das palavras passou a ser notado pelos estudiosos como sendo uma marca de seu estilo discursivo.

É sabido que são atribuídos a Górgias a autoria ao menos seis textos: *Elogio de Helena*; *Defesa de Palamedes*, *Epitáfio*; *Tratado do Não-Ser*; *Discurso Pítico* e *Discurso Olímpico*. Destes, apenas o *Elogio de Helena* e *A Defesa de Palamedes* foram achados intactos. Do Epitáfio, nos chegaram apenas fragmentos e não foi localizado o texto original do *Tratado do Não-Ser*².

Não há como falar sobre a produção discursiva de Górgias sem mencionar a sua relação com a retórica, sobretudo porque o leontino ficou reconhecido como mestre desta arte. Para o referido sofista, a retórica pode influenciar as pessoas. Além disso, ele defende que a retórica é a arte do logos e abrange outras questões que não só o discurso.

¹ Kerferd (2003, p. 21), Guthrie (2007, p. 250), Romily (2017, p. 46), Casertano (2017, p. 34).

² O que há são duas paráfrases, uma pertencente a Sexto (em sua obra *Adversus Mathematicos*) e a outra ao Pseudo-Aristóteles (no pequeno tratado *Sobre Melisso, Xenófanes e Górgias* – o MXG).

Estudos apontam que a criação da retórica ocorreu na Grécia Antiga, pelos sicilianos Córax e Tísias, compatriotas de Górgias. Mas Aristóteles foi o primeiro a reunir notas explicativas a respeito do tema.

A princípio a retórica era utilizada no meio jurídico como argumento da probabilidade, com o aprofundamento dos estudos e discussões, sua finalidade e aplicabilidade foi ampliada. Aristóteles, em sua obra *Retórica* (1354a1) defende que a “retórica está em todas as outras ciências. Não pertence a nenhuma em específico”. Para o estagirita (1355b30), a arte retórica seria definida como “faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de próprio para criar a persuasão”. Mais adiante ele complementa falando que a “aquilo que é persuasivo o é para alguém, e algo é persuasivo quer porque é de imediato e por si só evidente, quer porque parece ser demonstrado a partir de outras premissas que são elas, persuasivas e convincentes” (1356b30).

Os linguistas defendem que ao se estudar a arte retórica, é preciso investigar também os efeitos do discurso, seja ele oral ou escrito, provocam nas pessoas, isso porque, conforme já defendia Górgias nos idos do século V a.C., o agir retórico relaciona-se intensamente com as sensações e emoções que um discurso pode provocar nas pessoas.

Muito se fala a respeito do Górgias sofista, até mesmo do Górgias retor. Mas e o Górgias literato? Há um Górgias literário?

De forma abreviada, tem-se que a Literatura trata sobre o uso estético da linguagem. Essa investigação começou ainda na Grécia Antiga com Platão e Aristóteles, que empreenderam uma série de estudos sobre as expressões artísticas. O estagirita, inclusive, é considerado o pai da crítica literária. Ele foi o primeiro a decodificar o ato de fazer crítica literária e dedicou uma obra (*Poética*) para falar sobre a análise poética.

Neste sentido, levando em consideração que Górgias, reconhecidamente, fazia uso estético das palavras em suas obras, é possível se aventar a existência de um Górgias literário, especialmente quando nos deparamos com o *Epitáfio*.

O presente trabalho possui relevância tendo em vista a escassez de investigações sobre a análise dos discursos gorgianos, e especialmente no que diz respeito ao lado poético do sofista, tendo como *corpus* o *Epitáfio*.

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O *EPITÁFIO*

Como informado anteriormente, dedicaremos o presente estudo à análise do discurso poético de Górgias a partir do discurso *Epitáfio*, também conhecido como *Oração Fúnebre*.

Trata-se de um discurso panegírico elaborado por Górgias como forma de homenagear os guerreiros que lutaram na guerra do Peloponeso³. Acredita-se que o *Epitáfio* tenha sido elaborado no período da Paz de Nícias (421 a.C.)⁴. Ele é um discurso de extrema importância para aqueles que pretendem conhecer melhor o estilo discursivo de Górgias, pois apresenta algumas peculiaridades que não são vislumbradas nas demais obras que nos chegaram.

Eis texto do *Epitáfio* numa tradução feita pelo Professor Doutor Aldo Dinucci⁵:

Que qualidades estavam ausentes nestes mesmos homens as quais é necessário nos homens estar presentes? E que qualidades estavam presentes as quais não é necessário estar?

[Ah!] Se eu pudesse dizer as coisas que desejo, se eu pudesse desejar o que é preciso, sendo poupado da Nêmesis divina, arrefecendo a inveja humana!

Eles adquiriram, por um lado, a virtude divina, por outro lado, o caráter mortal do homem, preferindo certamente mil vezes a doce justa medida à arrogante justiça, [preferindo] quem diz o que é mais justo ao rigor das leis, porque consagraram pelo uso a mais divina e mais universal lei: falar e calar, fazer e deixar fazer o que se deve no momento que se deve.

E exerceram as duas melhores coisas que é preciso [exercer], a razão e a força física, decidindo com a primeira e realizando [o que foi decidido] com a segunda, atenuando as dores dos que são injustamente infelizes, punindo os injustamente felizes, desdenhosos em relação ao que é vantajoso, apaixonados pelo que convém,

³ A Guerra do Peloponeso foi um conflito armado entre Atenas e Esparta, que teve seu início no ano 431 a.C., tendo perdurado até o ano 404 a.C.. O principal motivo que ensejou tal conflito teria sido o crescimento do poderio ateniense perante as outras nações, o que levantou certo temor de uma possível submissão entre espartanos.

⁴ Período de trégua da Guerra do Peloponeso. Estudos apontam que o conflito tenha retornado em 413 a.C.

⁵ Disponibilizada no livro *Górgias de Leontinos* do Professor Dr. Aldo Dinucci, publicado pela editora Oficina do Livro em 2017, pg. 83-84.

apaziguando a demência da força física através da sensatez da razão, impetuosos com os impetuosos, prudentes com os prudentes, intrépidos com os intrépidos, terríveis com os terríveis.

O testemunho disso: ergueram, como oferendas a Zeus, os troféus dos inimigos, oferendas de si mesmos. Não eram inexperientes nem quanto ao inato ímpeto da guerra nem quanto aos amores permitidos, nem quanto ao combate armado, nem quanto ao amor pelas belas coisas da paz. Dignos para com Zeus pela justiça, honestos para com os pais pelo cuidado, justos para com os cidadãos pela honestidade, piedosos para com os amigos pela fidelidade. Eis aí porque, tendo morrido, a saudade deles não expirou junto, mas, imortal, vive, nos corpos não imortais dos que já não vivem.

Assim como em *Elogio de Helena* e *A Defesa de Palamedes*, o *Epitáfio* é uma obra em que o trágico é utilizado como inspiração para o discurso. Como bem observado por Untersteiner (2012, p. 276) “não deve surpreender que Górgias tenha interpretado tragédias áticas, de resto, era costume dos sofistas”.

A escolha por tal estilo tem uma explicação plausível: tais obras refletiam o novo momento que a polis vivia, ou seja, intenso embate entre as tradições míticas, posto que até então o povo era muito temente aos deuses e os possíveis castigos que estes poderiam lançar sobre a população. Sobre este assunto os irmãos RUFINO (2018, p. 46-47) lecionam que:

[...] O trágico coloca o homem no centro da transgressão, questiona a medida da sua humanidade e leva-o para a dimensão reveladora da via da verdade e da Justiça. O universo da tragédia representa a totalidade da condição humana exposta a um julgamento implacável para a descoberta da verdadeira natureza do homem.

A partir dessa observação, convém trazer à baila o ensinamento que Aristóteles nos deixou na *Poética* (1453b10):

[...] na tragédia não se deve procurar por toda espécie de prazer, mas apenas pelo que lhe é próprio. Ora, como o prazer que deve ser concretizado pelo poeta provém da compaixão e do pavor, suscitados pela mimese, é evidente que deve ser construído em função dos próprios acontecimentos.

Ademais, podemos depreender que a escolha por temas em torno do trágico mantinha relação com o método de ensino que empregado à época, uma vez que era comum a utilização das obras do poeta Homero na educação dos jovens atenienses.

A respeito da influência de Homero na educação grega, Jacqueline de Romilly ressalta que:

[...] Além do exercício prático da leitura e da escrita, as crianças se especializavam em leitura dos poetas: em Homero e nos líricos. [...]. Homero, sobretudo, era a Bíblia com a qual alimentavam as crianças. E os atenienses tinham compreendido o que nós esquecemos com frequência: que é por intermédio dos textos literários que melhor se aprende a viver em seu século. (2017, p. 83-84).

Além disso, as obras homéricas eram (e ainda são) tidas como bons exemplares do que se entende por literatura trágica⁶, sendo alvo de investigações até os dias atuais.

Há de se ressaltar ainda que, para os gregos antigos, o elemento trágico também se relacionava com a ideia de justiça e de verdade, como BENTES (2000, p. 107-08) sintetiza magistralmente:

[...] a estrutura do imaginário sociocultural na Grécia arcaica é de base eminentemente religiosa. Assim sendo, a consciência que foi desenvolvida acerca da justiça não pôde prescindir dessa base, já que toda a compreensão cósmica estava arraigada no solo mítico das divindades olímpicas, que, não obstante, eram referenciais pelos quais se padronizavam as próprias instituições humanas. De tal modo, o *éthos* dessa sociedade acompanhava os parâmetros de ação dos deuses, nas narrativas que os descreviam em todo o processo de surgimento do cosmos, até o seu definitivo ordenamento, firmado por Zeus. E justamente por meio dessas narrativas, poder-se-ia dizer que os costumes se consolidavam, bem como as formas legais de vivência da justiça.

No dizer do Estagirita, em *Poética* (1449b25), as obras literárias classificadas como tragédia é “a mimese de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada”. E nas linhas seguintes (1450a15) afirma que “a tragédia é a mimese não de homens, mas das ações e da vida”.

E mais, Aristóteles em *Poética* (1450a20) adverte ainda que a finalidade da tragédia “é, de tudo, o que mais importa”. Deste modo, temos que Górgias tinha uma finalidade ao reviver o trágico: chamar a atenção da população ateniense para as

⁶ Aristóteles em *Poética* (1448b30) sustenta que Homero “foi o supremo poeta de temas elevados (pois não apenas compunha de modo excelente, como se dedicou às mímeses dramáticas), foi também o primeiro a delinear as formas da comédia”. Nas linhas seguintes (1460a5), o estagirita defende que “Homero é digno de ser elogiado por muitos motivos, sobretudo por ser o único dos poetas que não ignora o que deve fazer”. Denotando, deste modo, a importância do poeta para sua época.

mudanças que elas estavam presenciando: de um lado, o respeito às tradições míticas e o temor aos castigos dos deuses, e de outro, um novo estilo de vida que florescia com a ascensão do regime democrático.

Górgias inaugura o *Epitáfio* levantando uma série de questões a respeito do que poderia ser considerado um homem bom, são elas: “Que qualidades estavam ausentes nestes mesmos homens as quais é necessário nos homens estar presentes? E que qualidades estavam presentes as quais não é necessário estar?”.

Vê-se que a partir de tais questionamentos Górgias nos alerta para as virtudes basilares que mantêm a ordem social, que seriam a piedade, o amor filial, a honestidade e a fidelidade, além do saber agir na hora certa, o saber falar no momento apropriado (*kairós*) e escolher a justa medida, ao invés de guiar-se por falsas justiça.

Além disso, devemos ainda nos atentar para a mensagem contida nos parágrafos terceiro e quarto do panegírico, onde o leontino expressa mais uma vez sua preocupação com a ordem social (*kosmos*), que deveria servir como fundamento para a criação das leis e costumes que guiarão o agir das pessoas.

Outro ponto que merece destaque no discurso em comento é a ideia de imortalidade trazida por Górgias. Vejamos:

[...] Dignos para com Zeus pela justiça, honestos para com os pais pelo cuidado, justos para com os cidadãos pela honestidade, piedosos para com os amigos pela fidelidade. Eis aí porque, tendo morrido, a saudade deles não expirou junto, mas, imortal, vive, nos corpos não imortais dos que já não vivem. (Górgias, 2017, p. 84).

Pela leitura do excerto pode-se depreender que o sofista sugere que aquele que leva uma vida honrosa nunca será esquecido, pois estará sempre presente junto daqueles que ainda estão em vida. Desta forma, podemos concluir que, para Górgias, tudo o que é feito em a vida reflete na imagem da pessoa que ficará para a posteridade.

Denota-se, como bem destacado por Casertano (2017, p. 100) que o discurso gorgiano transmite as preocupações que afligiam a sociedade da época:

Parece-me que Górgias sublinha contemporaneamente o fato de que o universo do discurso é o universo próprio do homem, do qual não é possível fugir: o discurso plasma a alma porque a persuada, e persuade porque alavanca as nossas faltas, as nossas necessidades, as nossas opiniões enraizadas no nosso passado, no nosso presente, nas

expectativas que nós construímos para o nosso futuro; e não é possível fugir desse efeito, quer sejamos atores ou ouvintes de um discurso, porque ele é justamente a dimensão mais propriamente nossa [...].

Assim, temos que Górgias faz uso das palavras expressas no *Epitáfio* para chamar a atenção dos fatos correntes na época, além de expor pontos importantes de seu pensamento, a exemplo da ideia do *kairos* e da imortalidade.

Feita tais considerações, passaremos a seguir a tratar mais detidamente sobre a “literariedade gorgiana”.

3. O GÓRGIAS LITERATO

Górgias se tornou bastante conhecido em seu tempo em decorrência da eloquência de seus discursos. Conta-se que suas preleções contavam sempre com a presença de um número significativo de ouvintes e o sofista aproveitava de tais ocasiões para tocar em assuntos sensíveis aos atenienses, a exemplo da noção de justiça.

Os discursos gorgianos eram ornamentados e isso fez chamar a atenção para o fato de que o leontino não era apenas um mestre da arte retórica, mas que ele também possuía afinidade com a poética⁷. Aristóteles destaca essa característica de Górgias na *Retórica* (1404a25) quando, ao tratar do ato de pronunciar, aduz que há discursos escritos que causam mais efeito pelo enunciado do que pelas ideias, afirmando que os primeiros a fazerem uso deste aspecto da pronúncia foram os poetas e conta que Górgias teria sido o primeiro a fazer uso da expressão poética.

O impacto que um discurso - seja ele retórico ou poético - irá gerar em sua plateia sofre a interferência de diversos elementos que devem ser observados pelo autor, tais como: as palavras que serão empregadas, o modo como o orador irá se apresentar, a capacidade do pregador em despertar ou não emoções em seus ouvintes, dentre outros. Todos esses elementos compõem o padrão estético do autor do discurso.

Por meio do discurso é possível despertar no leitor ou ouvinte as mais diversas percepções sensoriais. Acredita-se que, a partir do momento que um discurso utiliza da estética para despertar as emoções da plateia, ele deixa de ser apenas um produto da

⁷ Poética no sentido de arte mimética.

retórica e recebe o título de texto poético. Acreditamos que um exemplo desta afirmação seja o *Epitáfio*.

Górgias fez o uso ornamentado das palavras em todos os seus discursos⁸, mas especialmente no *Epitáfio*, nos deparamos com um formato diferente de texto, com certo grau de ritmo e também uma maior utilização das figuras de linguagem, tornando o texto mais poético do que puramente retórico.

No tocante a relação entre as obras literárias e a linguagem, Terry Eagleton (2020, p. 12-13) leciona que:

O que entendemos por obra “literária” consiste, em parte, em tomar o *que* é dito nos termos *como* é dito. É o tipo de escrita em que o conteúdo é inseparável da linguagem na qual vem apresentado. A linguagem é constitutiva da realidade ou da experiência e não se resume a mero veículo. [...].

O linguista Henriques (2011, p. 154) afirma que, “a linguagem se integra na ordem dos fenômenos culturais e é condição natural do homem buscar seu manuseio de acordo com suas razões e sentimentos, emoções e instintos”. Mais adiante, ele defende que “Emoções e sentimentos se intercambiam, autor e leitor se aproximam, comungando da paixão pelo signo verbal potencializado” (2011, p. 221). Deste modo, podemos afirmar que as palavras exercem um papel muito importante na recepção do discurso.

Ainda sobre o efeito das palavras no discurso, Christian Platin⁹ (*in* MENDES, 2010, p. 58) argumenta que “há argumentação de uma emoção quando o discurso justifica a atribuição de um experienciado a uma pessoa [...] a intenção do discurso corresponde à conclusão será formulada como um enunciado de emoção”.

Nas linhas seguintes, ele reafirma seu pensamento aduzindo que: “o interesse pelo léxico das emoções é partilhado entre psicólogos e linguistas” (*in* MENDES, 2010, p. 60) e alerta que para a léxico-gramática “há argumentação de uma emoção quando a questão que emerge da confrontação discursiva se apoia sobre uma emoção e, como consequência, os discursos que são construídos pelas respostas visam a legitimar uma emoção” (*in* MENDES, 2010, p. 60), corroborando com a declaração feita acima, no

⁸ Pelo menos é o que se pode depreender da leitura dos textos que nos chegaram.

⁹ Extraído do texto *Razões das emoções*, traduzido por Emília Mendes *in* MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lucia. *As emoções no discurso vol. II*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

sentido de que é de suma importância a escolha correta das palavras, para se atingir o efeito esperado do discurso.

Conforme já mencionado, Górgias nutria um zelo com as palavras que seriam proferidas no discurso, pois defendia que era pelas palavras que o orador conseguia se conectar com seus ouvintes e isso corrobora com o pensamento de Henriques (2011 p. 32) ao dizer que “Seja na retórica clássica, seja na prática contemporânea da construção de um texto, há um agente da ação de linguagem que se concretiza como discurso”.

Aristóteles menciona na *Poética* (1458a20-1458b5):

A virtude da elocução é a de ser clara e não vulgar. A claríssima, porém vulgar, é a elocução constituída de nomes correntes [...] A elocução é respeitável e apartada do ordinário quando emprega nomes inabituais. Chamo de “inabitual” o nome do estrangeiro, a metáfora, o alongamento e tudo o que é contrário ao uso corrente. Mas se um poema é composto apenas com esses nomes, haverá enigma ou barbarismo [...] Então deve haver uma modalidade de mistura entre esses nomes, pois a composição com elementos tais com o nome estrangeiro, a metáfora, o ornamento e as outras espécies já mencionadas evitará a elocução ordinária e vulgar, enquanto o nome corrente lhe garantira a clareza.

O que em grande parte contribui para a clareza da elocução, evitando-se assim o ordinário são os alongamentos, as abreviações e as alterações dos nomes; pois o distanciamento do uso corrente dos nomes, contrapondo-se ao hábito, produzirá a composição não ordinária [...].

Percebe-se da leitura desse excerto que para o estagirita a escolha das palavras é de suma importância, especialmente quando se trata de poemas. Nas linhas seguintes, Aristóteles aponta que o uso de metáforas¹⁰ é o recurso mais importante para elevação da linguagem:

É importante usar convenientemente cada um dos nomes mencionados, os nomes duplos e os estrangeiros, mas, de todos, o metafórico é o mais importante, pois é o único que não pode ser apreendido em função do outro nome, o que constitui indício de sua constituição. Com efeito, bem expressar-se em metáforas é bem apreender a semelhança.

A respeito da escolha de termos sintáticos Henriques (2011 p. 119) afiança que:

¹⁰ Aristóteles define metáfora (*Poética* 1457b5) como sendo “a designação de uma coisa mediante um nome que designa outra coisa, {transporte} que se dá ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie para a espécie, ou segundo uma relação analogia”.

[...] falar em adequação sintática significa falar em “bom senso e critério nas escolhas sintáticas”, tanto no âmbito da frase como no âmbito do parágrafo e do texto. Fica evidente que a chamada adequação sintática é um instrumento em favor da adequação semântica, que outra coisa não é senão a realização coerente do que se pretende dizer. Por isso concordamos com Carlos Franchi (2006, p. 102) quando afirma que “a teoria gramatical visa a estabelecer a relação entre a forma das expressões e sua significação”, ou seja, que é necessário “mostrar as correlações entre a estrutura sintática e a estrutura semântica”.

Pesquisadores apontam que essa valorização de Górgias pelas palavras pode ser notada pelo intenso uso das figuras de linguagem. Ele utilizava o referido recurso estilístico para robustecer seu poder persuasivo.

A respeito das figuras gorgianas Romilly (2017, p. 120) destaca:

Desde a Antiguidade se falava das “figuras gorgianas”. Os poucos escritos seus que possuímos são ornados com esse estilo em cada linha. Assim, praticando com muitos a antítese, ele buscou repetir o efeito mediante toda classe de procedimentos: as semelhanças de sons finais, ou rimas; a igualdade do número de sílabas; o emprego de termos paralelos, seja em sua formação, na sonoridade ou em seu valor métrico. Uma prosa tão trabalhada dá, tanto quanto a poesia, a impressão de que nenhuma sílaba está lá por acaso.

Mais adiante, a estudiosa ressalta que “esse gosto pelas figuras estilísticas era apenas um dos aspectos do qual Górgias se servia para a criação de uma prosa trabalhada, capaz de influir indiretamente nos espíritos e nas emoções” (Romilly, 2017, p. 123).

Destaque-se ainda que, segundo Untersteiner, Górgias é “considerado o criador” da prosa artística e um das principais características da sua prosa seria o uso das “chamadas figuras retóricas, das quais era proclamado o “inventor””. O referido autor aponta ainda que as chamadas figuras gorgianas possuem “natureza filosófica e linguística” (2012, p. 293).

São consideradas como figuras gorgianas: antítese, paronomásia, anadiplose, parechema (parequema), homeoteleuton (homeoteleuto) e parisois ou isoclon (paralelismo), sendo a antítese a figura de linguagem mais recorrente nas obras do sofista de Leontino. No entanto, no *Epitáfio* temos outra figura gorgiana que aparece com frequência: o paralelismo.

Podemos afirmar que as figuras de linguagem são um recurso extremamente importante para o discurso, pois elas são capazes de explorar o sentido das palavras, dando a elas outros sentidos e até mesmo afastando uma estrutura gramatical, de modo que possa ser dado destaque a algum outro elemento, posto que por meio das figuras é possível extrair diversos elementos fonéticos, morfológicos, sintáticos e semânticos das palavras. Ademais, as figuras de linguagem podem ser aplicadas em qualquer tipo de produção discursiva e seus usos vão desde a coloquial ao erudito.

Para além de tudo o que já fora exposto, tem-se que as figuras de linguagem podem aproximar os ouvintes/leitores de seu comunicador, pois elas despertam as mais variadas sensações, auxiliando o orador a conduzir seu público para a emoção desejada (raiva, piedade, medo, dentre outras). E Górgias tinha parecia ter plena consciência desse poder que as figuras de linguagem podem exercer no discurso, inclusive quando estamos diante de um discurso poético, como é o caso do *Epitáfio*.

A opção pelo uso das figuras tem, portanto, uma explicação psicológica, e não meramente filosófica ou linguística. Quando um comunicante conhece o seu público e a potência das palavras, se torna quase impossível não convencer a plateia da ideia que está sendo defendida.

Ainda a respeito do caráter poético de Górgias, Untersteiner (2012, p. 185) afirma que a experiência artística da poesia trágica “é figurada por Górgias quando apresenta os efeitos da tragédia em quem está prestes a escutá-la: além do terror e da piedade, ele diz, ela suscita “um pesar que acaricia a dor””.

Como bem destacado por Casertano (2017, p. 96-97), para Górgias o discurso deveria suscitar algum sentimento nas pessoas:

[...] Como possa ser assim, diz Górgias, eu o explicarei: o discurso “suscita” o sentimento; por exemplo, o discurso da poesia, de todos os tipos de poesia, que outra coisa não são senão um “discurso com metro”: um calafrio de pavor, uma piedade que arranca as lágrimas, um desejo de abandonar-se à dor tomam conta de quem o escuta, e pelas fortunas e os infortúnios de fatos e pessoas desconhecidas a alma sofre, por meio do discurso alegria e dor, todas as paixões do homem dependem do discurso, para dizer melhor como o discurso (*diáton lógon*), uma sua própria forma de sofrimento (*idion ta páthema*), escudando fortunas e infortúnios de pessoas estranhas.

Neste sentido, convém concordar com a afirmação de Jacqueline de Romilly (2017, p. 117), de que Górgias teria descoberto “a magia do discurso e os recursos de estilo”. No caso do sofista de leontino, temos que além do uso das figuras de linguagem, o trágico fazia parte do seu estilo poético.

A corrente semiótica leciona sobre a importância de se olhar para uma obra literária observando o seu objeto estilístico, de se trabalhar com os sentidos do texto. A respeito disso, Fiorin (2008, p. 120) destaca que “O enunciador pode combinar figuras ou temas do discurso do discurso de tal maneira que chame a atenção do enunciatário para determinados aspectos da realidade que descreve ou explica”.

Pela leitura do *Epitáfio* temos que Górgias utilizou magistralmente das figuras de linguagem para reforçar a ideia de que os guerreiros agiram da melhor forma para agradar a Zeus e os demais cidadãos.

Como mencionado anteriormente, Górgias utiliza do trágico para formar o seu estilo poético. E a respeito disso, o estagirita, na *Poética* (1459a20), aduz que:

Quanto à mimese narrativa e em verso, é evidente que se devem compor os enredos como nas tragédias: dramaticamente e em torno de uma ação una, formando um todo e estendendo-se até seu termo, tendo começo, meio e fim, para que, como um ser vivi uno e formando um todo, ela {a mimese} produza o prazer que é próprio a esse gênero de poesia. [...]

No *Epitáfio* vemos que Górgias segue exatamente esse modelo que anos depois foi proposto por Aristóteles, qual seja: utilizou uma ação una (a Guerra do Peloponeso) e a partir dela desenvolveu seu discurso poético. Mas não só, ele ainda se utilizou do trágico e das palavras (por meio da elocução¹¹), para suscitar as emoções da plateia.

De acordo com os defensores da corrente da crítica literária sóciocrítica, a obra sofre influência do contexto social em que está inserida. A sóciocrítica parte da ideia de que a obra tem, em sua tessitura textual, aspectos sociais que abordam questões referentes a uma coletividade, em um determinado ambiente e em uma época.

Sobre este ponto, Terry Eagleton (2020, p. 121) aduz que:

O enredo, portanto, faz parte da narrativa, mas não esgota. Com esse termo, geralmente designamos a ação principal de uma história. Indica

¹¹ ARISTÓTELES, *Poética* (1456b).

como se dá a ligação entre personagens, acontecimentos e situações. O enredo é a lógica ou a dinâmica interna da narrativa. Para a *Poética*, de Aristóteles, ele representa “a combinação dos episódios ou das ações na história”. [...].

Como bem salientado por Terry Eagleton (2020, p. 121), Aristóteles ressalta em sua obra *Poética* (1451b25-30) a importância do enredo para as expressões literárias. O estagirita leciona que:

[...] o poeta deve ser antes o artífice de enredos do que de versos, pois é poeta em virtude da mimese e porque elabora a mimese de ações. Então, mesmo quando compõe em função de eventos que de fato ocorreram, nem por isso é menos poeta; pois nada impede que certos eventos, tendo de fato ocorrido, sejam de tal natureza que é verossímil [e possível] que tenha, ocorrido: por isso mesmo, o autor de tais composições é poeta.

Pela leitura do *Epitáfio* nota-se que, conforme já advertido anteriormente, Górgias tenta chamar a atenção de sua plateia para os problemas que estavam sendo enfrentados pela população. É de bom alvitre mencionar que a sociedade vinha sofrendo com a Guerra de Peloponeso, neste sentir, acredita-se que discussões a respeito de justiça e moral era algo recorrente à época.

A respeito das obras realistas, concordamos com a observação feita por Terry Eagleton (2020, p. 132), quando leciona que:

Quando qualificamos uma obra como realista, não estamos dizendo que está mais próxima da realidade, em qualquer sentido absoluto, do que a literatura não realista. Estamos dizendo que ela se conforma ao que as pessoas de determinada época e local tendem a considerar como realidade. [...].

Já Aristóteles, na *Poética* (1454a30-35), afiança que:

Tanto na caracterização das personagens quanto na trama dos fatos é preciso sempre procurar o necessário ou o verossímil, de tal modo que tal personagem diga ou faça tais coisas por necessidade ou por verossimilhança e que isso se realize após aquilo também por necessidade ou por verossimilhança.

E foi exatamente isso que ocorreu com o teor do *Epitáfio*: um poema dedicado aos heróis da guerra, que lutaram pelo seu povo e também pela subordinação a Zeus. Além disso, o panegírico trata de questões que eram sensíveis aos gregos antigos, a exemplo da honra e da morte.

Assim, podemos destacar a importância da escolha correta das palavras, para se atingir o efeito esperado do discurso. E no caso de Górgias, temos que ele encontrou no uso das figuras de linguagem e no elemento do trágico, meios de se conectar com seus ouvintes e, assim, passar a mensagem que pretendia.

4. Conclusão:

Investigações indicam que a eloquência do discurso do sofista de leontino estava ligada ao seu interesse e zelo pela língua. Górgias considerava o conhecimento das palavras uma aliada inseparável de um bom discurso. Não a toa, ele utilizava vários recursos estilísticos em seus discursos retóricos para dar força à mensagem que estava sendo veiculada. Em muitas oportunidades, o leontino fez uso de das figuras de linguagem, as chamadas figuras gorgianas, para dar ênfase em suas comunicações.

Uma leitura acurada das obras de Górgias nos indica o motivo pelo qual seus discursos fizeram tanto sucesso: eles eram bastante eloquentes. Essa eloquência se devia ao fato do sofista conhecer profundamente as palavras e, como dito, fazer bom uso delas. Compreendendo esta premissa, fica fácil inferir que qualquer que fosse a figura de linguagem empregada, Górgias conseguiria atingir o fim do seu discurso que era, antes de tudo, convencer o público de sua tese.

O uso constante das figuras de linguagem e outros elementos discursivos fizeram com o que Górgias recebesse muitas críticas, notadamente fomentados pelas críticas que Platão tecia à época¹². No entanto, não se pode olvidar que essa preocupação com o discurso enriqueceu os estudos acerca do estilo retórico e é utilizado até os dias atuais como exemplo em diversas obras que versam sobre estilo discursivo, especialmente quando o assunto é a retórica clássica.

¹² Convém pontuar que até mesmo Platão, um dos maiores críticos do movimento sofista, reconhecia a relevância dos pensamentos dos sofistas, e isto é bem perceptível em suas obras, na medida em que Platão não se limita a fazer críticas, mas também constrói boa parte de seu pensamento filosófico tendo como ponto de partida as ideias sofísticas, como forma de responder aos questionamentos feitos por estes pensadores. Ademais, A visão platônica sobre os sofistas não merece mais espaço diante de tudo que vem sendo exposto nos últimos anos pelos estudiosos do movimento. Impende destacar ainda que a visão negativa do termo “sofista” ganhou mais relevância na idade moderna, do que na própria Grécia Antiga, conforme aponta CASERTANO (2017, p. 10).

Pela análise do *Epitáfio* podemos depreender que Górgias não só estava atento aos acontecimentos e à influência das consequências da guerra nas pessoas, mas especialmente, por meio das palavras empregadas, pretendia dar certo alento para aqueles que perderam seus entes queridos.

Resta patente que Górgias não pode ser considerado como um mero sofista ou apenas como um retor. Sua preocupação com as palavras e os significados que elas carregam o coloca em um lugar para além da mera sofística. Além disso, o *Epitáfio* nos mostra, como já mencionamos, que Górgias alinhava o seu discurso com a situação política que os atenienses estavam vivendo.

Convém lembrar que se tem por literato aquele que escreve ou estuda obras literárias. Neste sentido, sabendo da notória *performance* de Górgias na arte da utilização estética da linguagem, é certo que temos um Górgias literário.

Assim, temos que Górgias deve tomar assento na cadeira de literato e ter mais essa faceta reconhecida e registrada em seu epitáfio.

Referências bibliográficas:

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução e notas: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012 [2020].

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução e notas: Paulo Pinheiro. Rio de Janeiro: Editora 34, 2022.

BARBOSA & CASTRO. *Górgias: Testemunhos e Fragmentos*. Lisboa: Colibri, 1993.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da Língua Portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

BOTOSO, Altamir. O papel da crítica literária no estruturalismo. *Revista Multidisciplinar da UNIESP*, São Paulo, n. 7, p. 100-109, jun., 2009. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20180403123632.pdf. Acesso em: 29/02/2024.

CASERTANO, Giovanni. *Sofista*. Tradução de José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2010.

CASSIN, Barbara. **O efeito sofisticado**: sofística, filosofia, retórica, literatura. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira, Maria Cristina Franco Ferraz e Paulo Pinheiro. São Paulo: Ed. 34, 2005.

CHAUVIN, Jean Pierre. **Teoria da Literatura** – Estruturalismo e Pós-Estruturalismo. YouTube, 2022. Disponível em: <https://youtu.be/T9xtedaSa64?si=rm7GGF1tMA7jEr5B>. Acesso em: 29/02/2024.

DINUCCI, Aldo. **Górgias de Leontinos**. São Paulo, Oficina do Livro, 2017.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura*: uma introdução. 5 ed. Tradução Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

EAGLETON, Terry. *Como ler Literatura*: uma introdução. 2 ed. Tradução Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2020.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, José Luiz. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.

GUTHRIE, W. K. C. *Os Sofistas*. 2 ed. Tradução de João Rezende da Costa. São Paulo: Paulus, 2007.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Estilística e discurso*: estudos produtivos sobre texto e expressividade. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

KERFERD, G. B. *O movimento sofista*. Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

LIMA, Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 49 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

MARQUES, Marcelo P. (org). *Filosofia dos Sofistas*: Hegel, Capizzi, Versényi, Sidgwick. Tradução de Verlaine de Freitas et al. São Paulo: Paulus, 2017.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística*: a expressividade na língua portuguesa. São Paulo: EDUSP, 2008. Disponível em: https://www.livrebooks.com.br/livros/introducao-a-estilistica-nilce-santanna-martins_xryirtxcwmc/baixar-ebook. Acesso em 05/04/2022.

MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lucia. *As emoções no discurso vol. II*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

MOREIRA, Juzelly Fernandes Barreto. *Estilo, texto e sentido*. Natal: IFRN, 2019. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/1772/Estilo%2C%20texto%20e%20o%20sentido.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 24/03/2023.

MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. *Metodologia das ciências humanas*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

ROMILLY, Jacqueline de. *Os grandes sofistas da Atenas de Péricles*. Tradução de Osório Silva Barbosa Sobrinho. São Paulo: Octavo, 2017.

SANTOS, Maria Leonor Maia dos. *Um problema na distinção entre sentenças contrárias e contraditórias*. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Maria%20Leonor%20Maia%20dos%20Santos.pdf Acesso em: 05/04/2023.

SIDI, Pilar de Moraes.; CONTE, Elaine. A hermenêutica como possibilidade metodológica à pesquisa em educação. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 12, n. 4, p. 1942-1954, out./dez. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v12.n4.out./dez.2017.9270>>. E-ISSN: 1982-5587. Acesso em 26/07/2020.

SILVA, S. P. da. Estilo e estilística em Bakhtin e Volóchinov: perspectivas em diálogo. *Linha D'Água*, [S. l.], v. 33, n. 3, p. 79-103, 2020. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v33i3p79-103. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/173212>. Acesso em: 24/03/2023.

TERRA, Ernani. *Minigramática*. 11 ed. São Paulo: Editora Scipione, 2020.

UNTERSTEINER, Mario. *A obra dos sofistas: uma interpretação filosófica*. Tradução de Renato Ambrósio. São Paulo: Paulus, 2012.

Pequeno Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. São Paulo: Moderna, 2015.